

PRESIDENTE OU PRESIDENTA?



Jovi Barboza*

Não temos nenhuma necessidade, é claro, de discutir se o correto é falar "Presidente" ou "Presidenta", ainda mais porque os problemas se avolumam, até mesmo por causa da proximidade da realização da Copa do Mundo no Brasil, em 2014. Mas, paremos para pensar: **Presidente ou Presidenta**, quando uma mulher ocupa o cargo? A Argentina tem uma Presidente e ninguém a chamava antes de "presidenta". A Patrícia Amorim, do Flamengo, também é chamada de Presidente. Por que Dilma Rousseff deve ser chamada de Presidenta? Porque ela quer, ora bolas!!! Mas, vejamos. A Constituição Federal, em seu artigo 5º, inciso II, diz que "ninguém será obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude de lei". Então, por que há pessoas que são obrigadas a chamá-la de Presidenta, se não existe lei para isto? E pior, já pensou se alguém cisma de editar uma lei para garantir essa vaidade? Seria uma lei para obrigar o brasileiro a falar errado. Não temos nenhuma necessidade de discutir essa questão semântica, diante das maiores preocupações que o Brasil enfrenta.

Porém, por que será que pessoas importantes, como o Senador Cristóvam Buarque, ex-Reitor da Universidade de Brasília, estão aceitando que é certa a palavra "Presidenta"? Bato palmas para alguns jornalistas que, educadamente,

se desculpam por não se renderem à "presidenta". Mas, ao iniciar a "Voz do Brasil", o locutor começa a falar que a "presidenta" Dilma... Ah, não! Até dói nos ouvidos. É hora de desligar o rádio...

Não é possível e nem crível que pessoas inteligentes e cultas aceitem a mudança do vernáculo, apenas para satisfação do ego de um pessoa eleita para ocupar a Presidência da República. Isto é grave! E é importante observar que dar poder à Presidente da República para modificar o idioma português, para instituir uma palavra nova que lhe dá uma certa satisfação, é dar importância demasiada a um aspecto de fraqueza de quem ocupa um dos cargos mais importantes do país. E se for por imposição, é o cúmulo. A Presidente não pode impor isto. O Brasil é um país democrático. Um Estado de Direito. Só podemos ser obrigados pela Lei (princípio da legalidade - CF 5º, II).

Sinceramente, não devemos admitir por admitir. Há até filólogos que admitem ser possível o uso da expressão "presidenta". Mas, eu não me lembro de ter ouvido, por exemplo, a expressão "gerenta", ou "docenta". Assim, o que se constata é que, mesmo os filólogos que concordam com essa expressão, estão procurando satisfazer o "ego" das assim chamadas "presidentas".

Essa situação é esclarecida pelo conhecimento dos "participios ativos" como "derivativos verbais". Assim, o participio ativo do verbo dançar é dançante, de ouvir é ouvinte, de falar é falante e o de existir é existente. O participio ativo de SER é ente. Aquele que é: o "ente". Esses "derivativos" são comuns de "dois gêneros". Não existe as formas femininas: "dançanta", "ouvinta", "falanta" e "existenta".

Não se trata, portanto, de perseguição ou petulância. É que soa mal aos ouvidos. Já pensou um texto assim: "Quando a Presidenta era adolescente, era muito sorridentia e ficava sempre contenta quando visitava o poço de água quente, com as amigas estudantás, que eram muito pacientes para ouvir as histórias contadas pela nossa representanta". Certamente, não soou bem, não é mesmo?

Em verdade, o que podemos analisar é o seguinte: os termos "prevento", "ciumento", "jumento", "fraudento", "sonolento", "sedento", "lento", "nojento", "suculento etc., admitemos seus respectivos "femininos": preventa, ciumenta, jumenta, fraudulenta, sonolenta, sedenta, lenta, nojenta, suculenta etc. Esses vocábulos têm sua terminações pelo sufixo "ento", cujo feminino "enta" se justifica.

Mas, os vocábulos "gerente", "coerente", "superintendente", "demente", "discente", "docente", "anuente", "vivente", "valente", assim como "presidente", não admitem sua forma feminina, pois são "participios ativos do verbo ser. Jamais ouvimos as expressões: "a gerenta", "a mulher coerenta", "a superintendente", "ela é dementa", "a discenta", "a docenta", "a mulher é anuenta", "ela é viventa", "a mulher valenta", assim como "a presidenta".

O certo mesmo é que falemos: "a gerente", "a mulher coerente", "a superintendente", "ela é demente", "a discente", "a docente", "a mulher é anuenta", "ela é vivente", "a mulher valente", assim como "a presidente".

O valor da mulher, da pessoa que ocupa o cargo, não está na forma como se expressa o nome do cargo "presidente" ou "presidenta". Deve-se preservar a origem das palavras, não que a morfologia seja mais importante do que o próprio cargo, mas, como forma de contribuir com a semântica, deve-se manter valorizada a origem das palavras, para que não se atropela a interpretação de textos históricos, legais e didáticos.

Por isto, conclamo: se for necessário essa discussão, que ponhamos logo um fim nas questões e se explique porque não se usa tanto essas expressões cujo "sufixo" se iguala, alhures demonstradas, como gerenta, viventa etc.

Melhor focar o interesse da nação naquilo que realmente vale a pena, que é saber se a Sra. Dilma Rousseff fará ou não um bom Governo, que a justifique ser chamada pelo povo de Presidente do Brasil.

Jovi Barboza, advogado, professor, palestrante, escritor, cantor

ENTRE AS 3 MELHORES DO PAIS EM EDUCAÇÃO A DISTANCIA

EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

GRADUAÇÃO
A PARTIR DE R\$ 237,78 MENSAL

- MATERIAL DIDÁTICO INCLUIDO
- ALTA UMA VEZ POR SEMANA
- EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO
- DURAÇÃO DE 2 A 4 ANOS

PÓS-GRADUAÇÃO
A PARTIR DE R\$ 199,50 MENSAL

- ALIAS AD VIVAT
- MATERIAL DIDÁTICO ONLINE
- PROFESSORES PENHORADOS NACIONALMENTE

MEC

CESUMAR
CENTRO UNIVERSITÁRIO
Conselho de Escolas

0800 600 6360 | www.ead.cesumar.br - 1441 3027-6363 | Avenida Guedner, 1.610 - Maringá - PR